

DE MIGRANTES A CIDADÃOS DO MUNDO: NARRATIVAS DE VIDA DE BRASILEIROS NO CONTINENTE EUROPEU

FROM MIGRANTS TO WORLD CITIZENS: LIFE STORIES TOLD BY BRAZILIANS IN THE EUROPEAN CONTINENT

Gláucia Muniz Proença Lara¹

RESUMO: O objetivo do presente artigo é examinar e comparar, à luz da Análise do Discurso Francesa (ADF), três narrativas de vida - coletadas por meio de entrevistas - de migrantes brasileiros que vivem atualmente na Europa (França, Portugal ou Inglaterra), a fim de apreender as representações (de si, dos outros, do mundo) que eles constroem por meio do seu dizer. Se os resultados obtidos, por um lado, revelam a subjetividade de quem (se) conta ao outro - já que cada sujeito é único, assim como sua história -, há, por outro lado, aspectos similares entre suas narrativas que apontam para um “lugar enunciativo” comum: o de migrante, com as coerções que isso implica, sobretudo, nesse caso, o fato de os três “narradores” terem morado anteriormente em outro(s) país(es) europeu(s), o que lhes confere um olhar mais crítico e abrangente sobre a realidade de vida na Europa. Entre os aspectos que aproximam os três entrevistados e seus relatos, destacam-se um viés aventureiro na sua motivação para migrar e um projeto de não retorno definitivo ao Brasil, pelo menos a curto prazo.

Palavras-chave: Migrantes; Brasil; Europa; narrativas de vida; representações discursivas.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to examine and compare in the light of French Discourse Analysis, three life stories - collected through interviews - that were produced by Brazilian migrants currently living in Europe (France, Portugal or England), so as to find out their discursive representations (of themselves, of the others, of the world). If the results, on the one hand, reveal the subjectivity of the individual that tells (himself) to the other - since each subject is unique as well as his story - there are, on the other hand, similar aspects among their life stories that point to a common “enunciative place”: that of a migrant with the constraints it implies, above all, in this case, the fact that the three “storytellers” previously lived in another European country, which gives them a more critical understanding about the reality of life in Europe. Among the aspects that bring the three interviewees and their stories together, there is an adventurous bias in their motivation to migrate and a project of no definitive return to Brazil, at least in the short term.

Keywords: Migrants; Brazil; Europe; life stories; discursive representations.

¹ Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo - USP. Estágios pós-doutorais em Semiótica Discursiva junto ao Groupe de Recherches Sémiotiques/IUF (Paris); em AD francesa - UNICAMP/Université Paris IV - Sorbonne, e em AD no LAEL/PUC-SP/Université Paris-Est Créteil (UPEC). Professora Titular da Faculdade de Letras/UFMG, onde atua na graduação e na pós-graduação (mestrado e doutorado) na área de Estudos do Texto/do Discurso.

1 Introdução:

De acordo com Laacher (2012, pp. 32-33), as migrações humanas constituem um fato constante e maior na formação das sociedades e das culturas. Porém, como lembra o autor, se, na Idade Médias, as fronteiras eram imprecisas e móveis (em função de guerras perdidas ou ganhas e/ou da aliança entre poderes) e as populações se deslocavam sem grandes entraves, hoje a grande maioria dos países, sobretudo os mais ricos, dispõe de regulamentos cada vez mais rígidos, visando à circulação e à admissão de pessoas em seu território. Uma das explicações para essa “nova ordem” reside no surgimento, no final do século XIX, dos Estados-nação, os quais instituíram linhas oficiais para demarcar o que estava incluído ou excluído na/da nação, “inventando”, assim, as fronteiras na sua acepção moderna.

Vemos, assim, que, independentemente da existência (ou não) de fronteiras oficiais, as migrações remontam a muitos milhares de anos, confundindo-se com a própria história da humanidade. Entretanto, é na atualidade, sobretudo a partir do início do século XXI, que temos assistido a um aumento significativo dos fluxos migratórios no mundo como reflexo de uma série de guerras e crises econômicas, sociais, políticas e étnicas que abalam o planeta, gerando uma “migração de crise” (CLOCHARD, 2007, p. 2). De fato, o número de migrantes no mundo alcançou 272 milhões, em 2019, o que equivale a 51 milhões a mais do que em 2010, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), publicados em 15/09/19. A maioria dessas pessoas deslocou-se para a Europa (82 milhões) e para a América do Norte (59 milhões). Ainda segundo a mesma fonte, a metade dos 272 milhões de migrantes do mundo vive em somente dez países: Estados Unidos (51 milhões de pessoas); Alemanha e Arábia Saudita (com 13 milhões cada um), Rússia (12 milhões), Reino Unido (10 milhões), Emirados Árabes Unidos (9 milhões), França, Canadá e Austrália (8 milhões cada um) e Itália (6 milhões)².

Quanto ao Brasil, dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), disponibilizados em 2017, já apontavam um aumento de 24% no número de brasileiros que migraram legalmente para os países pertencentes à Organização³, em relação ao ano anterior. Em números absolutos, o Brasil ocupa a 17ª posição, num ranking de 50 países que mais enviaram pessoas para a OCDE em 2017. Assim, 99.000 brasileiros, no total, mudaram de país de forma legal naquele ano, contra 80.000 em 2016⁴.

Ora, se as quantidades e os percentuais que acabamos de apresentar são relevantes para nos informar sobre o volume dos fluxos migratórios atuais, o que pretendemos, neste artigo, é ouvir as histórias por trás dos números: mais especificamente, dar a palavra a brasileiros que vivem na Europa, para que eles próprios contem suas experiências como migrantes.

² Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/09/17/interna_internacional,1085844/ha-272-milhoes-de-migrantes-no-mundo-aponta-relatorio-da-onu.shtml. Acesso em: 10/12/20.

³ São eles: Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Chile, Coreia, Dinamarca, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Islândia, Israel, Itália, Japão, Letônia, Luxemburgo, México, Noruega, Nova Zelândia, Países Baixos, Peru, Polônia, Portugal e Reino Unido. Disponível em: www.fazenda.gov.br>assuntos>cooperacao-internacional. Acesso em 15/12/20.

⁴ Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/18/politica/1568843366_553673.html#:~:text=Se%20em%202016%20um%20total,%20e%20Espanha%20\(12.500\)](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/18/politica/1568843366_553673.html#:~:text=Se%20em%202016%20um%20total,%20e%20Espanha%20(12.500)). Acesso em: 10/12/20.

Há que se considerar que já existem pesquisas e eventos que focalizam a migração de brasileiros para a Europa. Podemos citar, por exemplo, o projeto *Vagas Atlânticas: a imigração brasileira em Portugal* (2007-2011), que foi publicado posteriormente sob a forma de coletânea (PEIXOTO *et al.*, 2015), bem com o SIBE - *Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*, evento que, em sua 5ª edição (2018), realizada na cidade de Pescara-Itália, abordou o tema “Memória, Herança, Transformação”⁵. Tanto um quanto o outro, porém, voltam-se mais para questões linguísticas, sociais, culturais, econômicas e políticas que envolvem a presença de migrantes brasileiros fora do seu país natal, do que para a coleta (e o estudo qualitativo/interpretativo) de suas narrativas de vida.

Algumas outras publicações, que, ao contrário do trabalho e do evento citados, registram narrativas (relatos ou histórias de vida) de migrantes de diferentes nacionalidades, têm o mérito de dar voz e visibilidade a esses sujeitos. É o caso, por exemplo, de dois livros publicados recentemente: o francês: *Paroles de migrants* (BANDELIER, 2019) e o brasileiro: *Entrelugares: trajetórias de migrantes, refugiados e apátridas* (DORNELAS; NUNES, 2019). Eles, porém, não tomam tais relatos como objeto de análise, limitando-se a registrar as histórias, sem propiciar uma reflexão mais profunda sobre elas.

Para suprir essas lacunas, propusemos uma pesquisa⁶ que coletou, por meio de entrevistas, 30 relatos de brasileiros que se deslocaram para a Europa. Para este artigo, selecionamos três desses relatos, já que eles apresentam um ponto comum: seus “narradores” moraram em outros países europeus, antes de se instalarem na França, na Inglaterra ou em Portugal, países que escolhemos para a referida pesquisa. Tal mobilidade lhes dá uma visão mais crítica e abrangente do que é ser migrante na Europa, com tudo o que isso implica: dificuldades, obstáculos, mas também avanços e conquistas, a ponto de os próprios sujeitos se considerarem não propriamente migrantes/estrangeiros, mas “cidadãos do mundo”.

Outra questão que diferencia as narrativas de vida aqui examinadas de outras tantas que já lemos/escutamos é que, via de regra, quando pensamos em sujeitos deslocados ou em deslocamento para a Europa, o que vem à nossa mente são imagens de embarcações precárias e apinhadas de gente que naufragam no Mar Mediterrâneo ou, então, acampamentos com pouca ou nenhuma infraestrutura, onde vivem aqueles que sobreviveram à arriscada travessia. Afinal, é isso que as mídias nos mostram cotidianamente.

Não é esse, porém, o caso dos brasileiros, em geral, e muito menos dos três migrantes (Lucas, Júlia e Sérgio) que tiveram seus relatos selecionados para este artigo. Se muitos brasileiros migram para a Europa por motivação econômica: pretendem ganhar algum dinheiro para comprar uma casa ou abrir um negócio no retorno ao Brasil (CASTRO *et al.*, 2015, p. 161), nossos entrevistados admitem que levavam uma vida confortável e com estabilidade no país natal., como mostram as falas de Sérgio e Júlia: 1) “No Brasil, eu tinha uma vida muito boa [...]. Eu trabalhava num banco de investimentos, tinha meu apartamento, né? E tinha uma vida social muito boa também, né?” (Sérgio); 2) “Eu tinha uma vida boa no Brasil, privilegiada, muito privilegiada, porque [...] eu tive acesso à educação, à cultura, [...] a um teto.” (Júlia).

⁵ Disponível em: <https://sibe2018.wixsite.com/sibe>. Acesso em: 06/09/19.

⁶ Trata-se do projeto de pós-doutorado “O discurso de (e)migrantes brasileiros no contexto europeu”, realizado parte no Brasil (PUC/SP), parte na França (Université Paris-Est Créteil), com bolsa CAPES-Print (Professor Visitante Sênior). De acordo com orientações do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa)/UFMG, todos os entrevistados preencheram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando-nos a utilizar seus dados em eventos e publicações, desde que fosse mantido o anonimato e eliminados quaisquer elementos que pudessem levar à sua identificação.

Diremos, então, que, embora quisessem também estudar (migração estudantil), como informam em suas respectivas entrevistas, o que os levou a mudar de país foi, antes de tudo, o desejo de se aventurarem alhures, motivação que compartilham com Lucas. Nesse sentido, embora se possa dizer que há três tipos básicos de migração: 1) a migração econômica; 2) a migração estudantil ou profissional; 3) a migração afetiva (matrimônio ou reunião familiar), é preciso admitir que essas motivações podem se sobrepor, que a motivação primeira pode se transformar em outra(s) ao longo do percurso do sujeito (MOREIRA, 2018, p. 69) e mesmo que há outros tipos de motivação que se combinam com uma (ou mais) dessas três, como é o caso dos relatos que analisaremos na seção 4. Em outras palavras, migrar nunca é uma decisão simples, envolvendo múltiplos aspectos e razões.

Dito isso, esclarecemos que nosso objetivo é analisar e comparar à luz da Análise do Discurso Francesa (ADF), particularmente de alguns planos da Semântica Global de D. Maingueneau (2005), que serão descritos na seção 3, as imagens ou representações de si, do outro (nativo), do país de chegada e do país de partida, entre outras, que os migrantes entrevistados constroem por meio do seu dizer.

2 Linguagem, discurso, sociedade e sujeito: noções que se imbricam

Se a linguagem registra o social, mas, ao mesmo tempo, age sobre ele, instaurando o “duplo movimento” linguagem/sociedade de que nos falam Calabrese e Veniard (2018, p. 22), devemos assumir que as palavras ganham seus sentidos nos usos que delas são feitos pelos locutores, nos discursos que circulam numa dada sociedade de uma dada época. Não podemos ignorar, além disso, que, ao longo de sua “vida social de palavra”, elas carregam ecos de usos anteriores, mantendo, pois, relações dialógicas (BAKHTIN, 2015, p. 51) com esses (outros) usos. De forma mais ampla, isso implica admitir que o discurso é, constitutivamente, atravessado por outros discursos, com os quais “dialoga”: harmoniza-se, polemiza, aos quais responde etc.

Ora, falar de discurso é, concomitantemente, falar de sujeito, já que um não existe sem o outro. Como nosso “lugar de enunciação” é o da ADF, o leitor pode pensar que estamos falando do “sujeito assujeitado” dos primórdios da teoria. Quanto a isso, julgamos que a posição assumida por Orlandi (2001, p. 189) de que “não existe nem um sujeito absolutamente dono de si, nem um sujeito totalmente dominado pelo que lhe vem de fora”, traduz com bastante propriedade a noção de sujeito que assumimos aqui: trata-se de um sujeito “em tensão” entre o mesmo e o diferente, entre a paráfrase (produtividade) e polissemia (criatividade).

Diante disso, interessa-nos, nos relatos que serão analisados na seção 4, apreender aspectos que responderiam por um discurso comum (dimensão horizontal), sem, porém, perder de vista que cada sujeito é único e seu texto, singular (dimensão vertical), o que nos leva a postular que, se esse sujeito, ao dizer, sofre coerções, ele também dispõe de uma “margem de manobra” que lhe permite imprimir sua(s) marca(s) naquilo que diz. É essa concepção de linguagem (e de sujeito), apoiada em relações (inter)discursivas, que será mobilizada para o exame e a comparação das narrativas de vida dos migrantes brasileiros.

Uma questão importante que diz respeito aos usos das palavras nos discursos é uma oscilação de termos que cercam a problemática da migração. Em trabalhos mais recentes (vide, por exemplo, LARA, 2019, 2021a; 2021b), temos utilizado o termo migração (e seu correlato: migrante). Há, porém, autores que questionam a pertinência desses termos. É o caso de Bernardot (2019, p. 13), que, falando da realidade francesa, afirma que, embora o termo

“migrante”, derivado do inglês, venha se impondo nas mídias e nos meios associativos e políticos, ele apresenta o inconveniente de globalizar e misturar todos os públicos (imigrados, refugiados, solicitantes de asilo, recém-chegados etc.), não correspondendo, além disso, a nenhuma categoria estatística ou administrativa utilizada na França, nem tampouco a uma abordagem sociológica desses públicos.

Apesar das objeções dessa autora - e por falta de termo melhor -, adotamos a posição de Calabrese e Veniard (2018, p. 11) para quem “migrante” é um termo relativamente neutro que descreve simplesmente um processo de mobilidade. Isso também nos permite contornar a dicotomia emigrante/imigrante, já que tudo depende do ponto de vista que se aplica ao sujeito deslocado: o emigrante no país de partida é o imigrante no país de chegada. Chamamos a atenção para a expressão “relativamente neutro”, uma vez que, do lugar de fala da ADF, assumimos que a escolha de uma palavra em detrimento de outra(s) não raras vezes marca uma posição política que acaba por influenciar o próprio sentido dessa palavra. Logo, não há termos que sejam genuinamente neutros. Em síntese: usaremos o termo “migrante” (“migração”), em consonância com Calabrese e Veniard (2018), mas manteremos imigrante/imigração e emigrante/emigração nos textos consultados que utilizam tais termos.

3 Questões teóricas e metodológicas

A partir do breve panorama apresentado nas seções anteriores, o objetivo do presente artigo, como já foi dito, é o de analisar narrativas de vida de brasileiros que vivem no contexto europeu, a fim de buscar as representações (de si, dos outros, do mundo) que eles constroem por meio do seu dizer.

A expressão “narrativa de vida”, tradução de “*récit de vie*”, foi introduzida na França, em 1976, pelo sociólogo Daniel Bertaux. Para ele, há narrativa de vida sempre que um sujeito conta a outro (pesquisador ou não) um episódio qualquer de sua experiência de vida. O verbo “contar” (“fazer o relato de”) mostra-se, nesse caso, fundamental para sinalizar que a produção discursiva do sujeito assumiu a forma narrativa (BERTAUX, 2005, p. 36).

Trata-se, pois, de um gênero por meio do qual um dado indivíduo relata a outro certos acontecimentos que protagonizou, o que distingue a narrativa de vida de outros gêneros, como a autobiografia e a biografia, que, em princípio, abarcam a totalidade da vida do ser que se conta ou que é contado por outrem. Nesse exercício de se dar a conhecer ao outro, o sujeito empenha-se em buscar na memória lembranças e reminiscências, mas tem que lidar, inevitavelmente, com porosidades e lacunas (MOREIRA, 2018, p. 140). O resultado, portanto, é a produção de uma história complexa e heterogênea, ao longo da qual o que está em jogo é mais o “dizer verdadeiro” do que a verdade ontológica.

Relida no quadro da ADF, graças à interdisciplinaridade que perpassa essa teoria - e que, segundo Machado (2020, p. 241), permite-nos “alçar alguns voos, sem desprezar as bases que nos sustentam” -, uma narrativa de vida deve ser compreendida como

[...] uma versão da história de um indivíduo e não como um retrato sem falhas de fatos por ele vividos, obedecendo a uma ordem cronológica rígida. Tal expressão passa a existir quando um determinado sujeito conta episódios ou

fatos de sua vida a uma ou mais pessoas (oralmente ou por escrito). (MACHADO, 2020, p. 174)

Para a autora, a análise do discurso aplicada à narrativa de vida implica três “mundos”: o social (histórico, político etc.), em que o narrador se situa; o psíquico, ou seja, o que ele deixa entrever de si enquanto indivíduo; o linguageiro, expresso no estilo do narrador e nas estratégias retórico-argumentativas de que ele se vale para captar a atenção do destinatário (leitor/ouvinte) (MACHADO, 2020, p. 117). Ora, os dois primeiros “mundos” podem ser associados às dimensões horizontal e vertical que propusemos anteriormente, enquanto o terceiro se encarrega de concretizar e “costurar” essas duas dimensões, transformando linguagem em discurso.

No que se refere à coleta de dados, tomamos por base os procedimentos da entrevista narrativa (BERTAUX, 2005), o que implica, entre outros aspectos, a proposição de um roteiro prévio. No caso da nossa pesquisa, o roteiro partia de uma questão mais geral: “Conte-me como você vivia antes no Brasil e como vive atualmente no país de destino.”, desdobrada em cinco perguntas mais específicas: 1) quais foram as motivações que o levaram a migrar para a Europa?; 2) que aspectos positivos e/ou negativos você destacaria em relação à mudança de país, considerando tanto o país em que vive atualmente quanto aquele(s) em que viveu antes?; 3) como você avalia o olhar do nativo em relação ao migrante, sobretudo o migrante brasileiro?; 4) como é o seu contato com brasileiros, nativos e outros estrangeiros em solo europeu?; 5) você tem algum projeto de retorno ao Brasil? A proposição de um roteiro prévio permite que o entrevistador interfira o mínimo possível na narrativa, deixando-a fluir naturalmente, e, ao mesmo tempo, impede que o entrevistado se afaste da temática focalizada (BERTAUX, 2005; MOREIRA, 2018).

As entrevistas, registradas por meio do aplicativo “Gravador de voz avançado”, instalado em aparelho celular, foram realizadas em cafés/restaurantes, nas capitais dos três países selecionados (Lisboa, Paris e Londres), em dia e horário agendados previamente com os colaboradores. Apesar de termos informado inicialmente que eles teriam em torno de 15 a 20 minutos para contar sua experiência migratória, buscamos respeitar o tempo de fala de cada entrevistado. Assim, Júlia e Sérgio falaram, respectivamente, durante 21min.09seg. e 23min.57seg., mas Lucas se estendeu por 42min.20seg.

O passo seguinte foi transcrever as entrevistas, de acordo com as normas do Laboratório ICAR da Universidade de Lyon (CALABRESE; VENIARD, 2018, p. 28). Depois dessa etapa, nós as editamos para tornar a análise mais fluida e os trechos reproduzidos mais fáceis de ler. Assim, introduzimos sinais de pontuação e eliminamos ocorrências como pausas, hesitações e autocorrekções. Mantivemos, porém, certas marcas de oralidade (né, entendeu, tá etc.) e as inadequações relativas ao uso do português padrão (problemas de concordância, regência, entre outros), considerando, sobretudo, a informalidade da situação. Com isso, reiteramos que nosso interesse maior é o conteúdo dos textos e não a forma como eles se apresentam (o que - reconhecemos - seria relevante para outros tipos de análise, como, por exemplo, aquelas feitas no escopo da Análise da Conversação, o que, porém, não é o nosso caso).

Para examinar e comparar as narrativas de vida já editadas, mobilizaremos alguns planos propostos por Maingueneau (2005, pp. 79-102), no âmbito de sua “semântica global”, entendida como o sistema de restrições que incide, de forma integrada, sobre os vários planos do discurso, tanto na ordem do enunciado quanto na ordem da enunciação. É o caso do *vocabulário* (palavras-chave, índices de avaliação, nominalizações), dos *temas* (impostos ou

específicos), da *déixis enunciativa* (categorias de pessoa, tempo e espaço) e do *modo de enunciação* da *déixis enunciativa* (categorias de pessoa, tempo e espaço) e do *modo de enunciação* (o “tom” do discurso, que remete à construção do *éthos*)⁷.

Com o dispositivo teórico-metodológico brevemente descrito acima, acreditamos poder apreender, em grande medida, que representações discursivas (de si, dos outros/nativos, dos países de partida e de chegada, entre outras) os migrantes brasileiros que vivem do outro lado do Atlântico constroem por meio das histórias que contam. Vamos, pois, a elas.

4 As narrativas de vida e suas análises

Apresentamos no Quadro 1, a seguir, dados dos três migrantes cujas entrevistas analisaremos adiante. Esclarecemos que todos eles vivem legalmente nos respectivos países: Lucas possui um *Titre de Long Séjour* (10 anos); Júlia tem visto de residente e Sérgio, passaporte italiano.

Quadro 1 - Informações sobre os migrantes entrevistados

Nome fictício	Estado de nascimento	Idade	Escolaridade	Profissão no Brasil / atual	Tempo no país atual
Lucas	R. Janeiro	54	Sup. Incompleto	Ator e comerciante / ator e ministrante de cursos de teatro	França / 20 anos
Júlia	Ceará	36	Mestrado	Coordenadora de curadoria de espaços culturais / mediadora de curadoria	Portugal / 2 anos**
Sérgio	M. Grosso do Sul*	31	Sup. Completo	Funcionário de banco de investimentos / funcionário de empresa de logística	Inglaterra / 3 anos

*Sérgio nasceu em Mato Grosso do Sul, mas mudou-se para São Paulo aos cinco anos de idade.

**Júlia está há dois anos em Portugal, mas já viveu no país anteriormente (2004-2008) para fazer faculdade.

Começaremos a análise pelo plano dos temas. Simplificadamente, podemos dizer que por tema devemos entender aquilo de que o texto fala. Maingueneau (2005, p. 88) explica que os temas estão integrados semanticamente a um dado discurso por meio do sistema de restrições que o rege e que eles se dividem em dois tipos: a) os temas impostos, que são obrigatórios para que um discurso seja bem aceito; b) os temas específicos, que são próprios a um dado discurso. No caso deste artigo (e da pesquisa que o originou), consideramos, em sintonia com o autor, que as perguntas do roteiro prévio podem ser transformadas em temas impostos, já que elas nos parecem ser questões que integram “obrigatoriamente” narrativas de vida que tratam de experiências migratórias. Recortamos, dessa forma, três eixos temáticos a partir dos quais a análise do *corpus* será conduzida: 1) motivações para a migração e para um possível retorno; 2) aspectos positivos e negativos da mudança para outro(s) país(es); 3) relações

⁷ Além desses quatro planos - que constituem, para nós, os mais produtivos no exame das narrativas de vida (ver LARA, 2019, 2021a, 2021b) -, há a *intertextualidade*, o *estatuto do enunciador e do destinatário* e o *modo de coesão*, totalizando sete planos. Cabe esclarecer que utilizaremos os planos escolhidos de maneira mais abrangente do que faz o autor. Não vemos, porém, incompatibilidades entre o que ele propõe e a nossa releitura desses planos.

com os *outros*: brasileiros, nativos e demais estrangeiros (com destaque para o olhar do nativo sobre o migrante, sobretudo o brasileiro). Esses três eixos não são estanques, sobrepondo-se com certa frequência, como a própria análise se encarregará de mostrar. Quanto aos temas específicos, destacaremos aqueles que julgarmos mais relevantes nas narrativas de vida, sem qualquer pretensão de exaustividade.

No que se refere ao segundo plano que elegemos para o nosso dispositivo de análise: o do vocabulário, cabe esclarecer que ele será abordado de forma integrada aos demais planos, visto que “a palavra em si mesma não constitui uma unidade de análise pertinente” (MAINGUENEAU, 2005, p. 83). Observaremos, então, como, em função de seus usos, as palavras se comportam no âmbito dos temas (principalmente), da dêixis enunciativa e do modo de enunciação no discurso dos sujeitos entrevistados. Cabe esclarecer, finalmente, que, para agilizar a exposição, já teceremos, ao longo da análise, comparações entre as três narrativas de vida sempre que isso se mostrar oportuno.

Passemos, pois, ao primeiro eixo temático (motivações para a migração e para um possível retorno). Lucas, que mora atualmente na França (Paris), conta que viajou para a Europa no modo *easy rider* pela primeira vez em 1990. O que o levou à decisão de empreender essa viagem foi um espetáculo que faria no Rio de Janeiro - Lucas é ator - e que acabou não acontecendo. Foi para a França para ficar três meses, mas acabou ficando um ano. Entre as dificuldades desses primeiros tempos, menciona a língua. Diz que só sabia três palavras: *bonjour*, *merci* e *au revoir*. Por isso, fez um mês de Aliança Francesa logo que chegou, mas o dinheiro acabou e ele teve que se virar de outras formas. Dos três entrevistados, Lucas é o único a convocar os temas (específicos) da migração irregular, já que ele ultrapassou o tempo permitido pelo dito “visto de turista”, e da consequente exploração da mão de obra migrante, sobretudo no que tange aos chamados *sans papiers* (sem documentos), como ele. Vejamos:

T1: Então, eu não tinha um visto, eu tinha um visto de turista da França, né?, que era um visto de três meses. [...] Depois de morar em Paris durante dois meses, então eu fazia trabalhos no que a gente chama *nul niveau*, né?, trabalhos para poder ganhar dinheiro. [...] E logicamente, como eu não tinha a *carte de séjour*, o *titre de séjour*, fatalmente fui explorado, né? Eu lembro na época que o salário mínimo na França era trinta e seis francos brutos, E eu fui trabalhar num lugar que me pagavam doze, treze.

Depois desses dois meses em Paris, Lucas se mudou para Nice e conseguiu trabalhar como ator na ópera local, enquanto, paralelamente, atuava na reforma de uma casa. Novamente, esbarrou no problema da falta de documento de permanência, questão que, como se verá, foi resolvida de forma similar ao “jeitinho brasileiro”:

T2: Achavam que eu era estrangeiro, mas que eu tinha um visto europeu, e me contrataram. Só que não assinaram o meu contrato, ficava sempre para assinar o contrato depois. No último dia, [...] eles me pediram o meu tipo de *séjour* para fazer o contrato. Aí eu falei: “Mas eu não tenho, vocês não me perguntaram.” [...] O prefeito da época, Jacques Médecin, era de uma família que tinha um poder em Nice

durante mais de quarenta anos. E o irmão dele, Pierre Médecin, era o diretor da ópera. Então, tudo tinha um jeito de se arrumar. Como eu fiz meu trabalho super bem, ele falou “Olha, eu vou te dar um número provisório de *securité sociale*, tem a sua *fiche de salaire* e você vai no banco, desconta o cheque e tudo bem”. Então, foi assim.

Dois aspectos, que se repetirão ao longo da entrevista de Lucas, chamam a atenção já nesses primeiros trechos: 1) a utilização frequente de vocábulos em francês (*code switching*), que parece indicar uma certa dificuldade com o português, somada ao “mergulho” cotidiano na língua estrangeira (já que a atual esposa de Lucas é francesa, e ele vive há duas décadas no país); 2) o uso do discurso relatado (direto) para reproduzir seja a sua própria fala, seja a fala de terceiros (como mostra T2), frequentemente simulando um diálogo com o outro. Lembra Maingueneau (1991, p. 134) que o discurso direto, por ser uma espécie de teatralização de uma enunciação anterior, “autentifica” os enunciados relatados, criando um efeito de sentido de realidade.

Por causa de sua situação irregular na Europa, Lucas era obrigado a ficar três meses em cada país: ia para a Itália, ia para a Suíça... Foi, então, que, tendo sido convidado para participar de um filme do diretor David Lean, decidiu que era melhor retornar ao Brasil e tentar um contrato de trabalho, ao invés de ficar mudando de país. Logo que chegou ao Brasil, porém, descobriu que o diretor tinha falecido. Começou a fazer um espetáculo no Rio de Janeiro, depois emendou com São Paulo e foi ficando. A vontade de retornar à França permaneceu, mas ele queria ir em “boas condições”. Tentou, inicialmente, ir para os Estados Unidos, mas não conseguiu apoio financeiro. O jeito foi se mudar para a Inglaterra (Londres) com a então esposa, que foi fazer um mestrado em música antiga, com bolsa do Ministério da Educação brasileiro. Viveu dois anos e meio em Londres, onde fez um curso de mímica corporal dramática. Conta que sua motivação para ir para Londres não foi para “tentar a vida”, como tantos brasileiros, mas para “fazer teatro” e “aprender coisas novas”. Não teve, portanto, como constatamos também para Júlia e Sérgio, motivação prioritariamente econômica. Com visto de estudante, pôde trabalhar legalmente vinte horas por semana como garçom num restaurante, além de fazer as aulas de teatro e ensaiar com o grupo.

Depois desses dois anos e meio em Londres, já então separado da primeira mulher, Lucas retornou finalmente a Paris. Pensava em ficar lá um ano, fazendo teatro, e voltar ao Brasil. Encontrou, porém, sua atual esposa, uma atriz francesa que tem uma escola internacional de teatro. Casaram-se, tiveram filhos e ele foi ficando em Paris, onde está já há 20 anos e onde o encontramos para a entrevista.

Outro tema (específico) trazido por Lucas é o da importância da integração do migrante ao contexto no novo país, o que implica, na sua ótica, ultrapassar a “barreira da língua” e “a barreira dos códigos”. De fato, a competência linguística é a capacidade-chave para a integração. Isso porque o domínio da língua (falada e escrita) num país estrangeiro facilita não apenas a inserção profissional, mas também os laços sociais e de amizade com pessoas da sociedade de acolhida (BARTRAM *et al.*, 2014; BERNARDOT, 2019). Mas, além da língua, há a questão mais ampla das normas sociais/culturais. Em T3, apresentado a seguir, chama a atenção a obrigatoriedade (modalidade deôntica) com que Lucas aborda esse aspecto (grifos nossos):

T3: Tem pessoas que não se adequam aos códigos do país, né? Aqui, por

exemplo, na França é um lado mais formal. Quando a gente não conhece a pessoa eu não vou *tutoyer*. Eu vou falar é o *vous*. [...] E no Brasil é informal. Então, **tem que ter esse código** [...] que é importante para o imigrante não transferir o país dele em outro país. **Eu tô num país, eu vivo com o código desse país [...] tem que ter o respeito né?; tem que ter os códigos: *bonjour, s'il vous plaît, merci, au revoir***. São as quatro bases. [...] Se você sabe fazer isso, você já entra no código do país. Então, **tem que entender como é que é**.

Quanto às motivações de Júlia para migrar para Portugal, ela conta que, em 2004, quando tinha de 20 para 21 anos, participou de um intercâmbio entre a universidade (particular) que frequentava em Fortaleza e uma universidade em Lisboa. Essa experiência abriu seus horizontes. Como ela mesma diz, utilizando uma conhecida metáfora: “Eu até brinco que eu abri a Caixa de Pandora⁸. Então, eu nunca mais voltei a ser a mesma. Tô sempre tanto me movendo quanto sentindo falta das coisas”. O problema é que o intercâmbio tinha a duração de apenas três meses. Júlia retornou ao Brasil, ficou outros três meses e decidiu transferir a universidade para Lisboa, onde se graduou. Em seguida, fez mestrado na Itália e voltou ao Brasil em 2013, segundo ela, por duas razões: uma foi a crise que se abateu sobre a Europa naquele momento. Com visto de estudante, ela trabalhava num museu, com um contrato que vencia a cada dois meses e que ela nunca sabia se seria ou não renovado. A segunda razão é que sua avó, que a havia criado, estava doente. Assim, à falta de estabilidade financeira juntou-se uma questão familiar. Júlia ficou no Brasil de 2013 até meados de 2017. Quando a avó faleceu, ela decidiu retornar à Europa:

T4: Depois que ela se foi, eu disse: “Vou viver o luto e estou bem” e aí vivi e nesse um ano comecei a ter aquela coceirinha de novo, sabe?, eu digo que eu sofro dessa coceirinha assim, que é a coisa do me mover, né. Eu disse: “Eu não tenho mais por que tá aqui, minha avó, que era minha raiz, não existe mais. Tô bem aqui, mas tô perdendo minhas línguas. Quero movimento, eu tô parada há tempo demais, tá na hora d’eu me mover de novo”. E eu fiz tudo isso com muito medo, né? porque [eu estava] com a vida estável e com 34 anos.

Chama a atenção, em T4, a metáfora da “coceirinha”, que faz eco à Caixa de Pandora, mas, paradoxalmente, vem a questão do medo. Esse tema específico, em que a vontade de partir coexiste com o receio de fazê-lo, mostra que, por mais determinado a migrar que esteja, o sujeito confronta-se com um processo doloroso de rupturas: familiares e/ou culturais, e/ou geográficas e/ou econômicas (BERNARD, 2002, p. 161). Migrar não é, portanto - e nunca será -

⁸ Na mitologia grega, Pandora, a primeira mulher criada por Zeus, foi enviada à terra para se casar com Epimeteu, irmão de Prometeu. Levava consigo uma caixa com a recomendação de que jamais fosse aberta. Ela, porém, sem conter a curiosidade, abriu-a e, com isso, libertou de seu interior todos os males até então desconhecidos pelos homens (doenças, guerra, mentira, ódio etc.). Pandora tentou fechar a caixa, mas manteve em seu interior apenas a esperança. Disponível em: https://www.pensador.com/expresoes_da_mitologia_grega/. Acesso em: 26/12/20. Cabe observar que Júlia ressignifica essa metáfora positivamente: para ela, “abrir a Caixa de Pandora” implica, como se vê, liberar disposições, como a vontade de mudança.

uma questão simples na vida de quem o faz. Como vimos acima, Júlia não tinha dúvidas de que queria voltar a morar na Europa, mas tinha medo, porque levava uma vida estável no Brasil e já não era mais a jovem de 20 anos que, como ela mesma diz, “se jogava”. Outro recurso que ela usa, a exemplo de Lucas, é o discurso direto. Em T4, ela fala consigo mesma. Em outros momentos, porém, utilizará esse mesmo recurso para reproduzir a fala de outras pessoas e/ou para simular um diálogo com elas.

Tomada a decisão de partir - apesar do medo -, Júlia escolheu Portugal, país onde já havia residido antes (durante a graduação). Confessa que essa não era sua primeira opção, devido, principalmente, ao preconceito linguístico contra brasileiros que observou na própria universidade (questão que retomaremos no terceiro eixo temático). Tinha também dúvida se conseguiria trabalho na sua área de formação (curadoria de espaços culturais), visto que muitos de seus conhecidos, mesmo qualificados, acabam trabalhando em *call centers* ou em restauração por anos a fio. O que a levou, então, a Lisboa? Em primeiro lugar, a presença de amigos que poderiam ampará-la; em segundo, a burocracia menor que existe em Portugal para a obtenção de visto e, posteriormente, de nacionalidade⁹. Em suas palavras:

T5: Portugal, na verdade, era uma das minhas últimas opções. Eu saí daqui dizendo que eu não voltava pra cá, exatamente por um quadro que eu já sabia de preconceito linguístico. [...] Mas Portugal hoje é o país da União Europeia que tem uma regulamentação mais rápida com o Brasil. [...] Isso não acontece na Itália, nem na França. Então, eu disse: “Não, Portugal nesse aspecto é burocrático, mas é mais simples. Eu não tenho que traduzir documentos, minha formação é em Portugal. Então, assim, eu gasto menos, né? se eu quiser fazer qualquer coisa.”. Ao mesmo tempo tem um outro detalhe, que foi esse que eu decidi por aqui, que dos países que eu conheço [é] o único que, com 5 anos, você tem nacionalidade. Todos os outros são 10 anos.

Júlia comenta, porém, que, apesar de já ter morado em Portugal antes, sua situação atual é “ainda um reconstruir”. Explica que os dois anos que está em Lisboa (contados no momento da entrevista) é muito pouco tempo para ela conseguir se “mexer” como se “mexeria” no Brasil. E conclui: “por mais que eu já tenha morado aqui [...] é literalmente um recomeçar, né? Então, você não consegue estar na mesma posição que você estaria no Brasil”, antes de quatro ou cinco anos. Do ponto de vista lexical, o prefixo -re (“recomeçar”, “reconstruir”) remete à difícil realidade do migrante na adaptação ao país de chegada, questão também levantada por Lucas, como vimos.

Sérgio, por sua vez ressalta inicialmente que, enquanto as pessoas que se deslocam para a Inglaterra, em sua grande maioria, vão “em busca de uma vida digna, de coisas que elas não tinham no Brasil”, sua motivação foi outra: fazer uma pós-graduação, pois, como já comentamos, ele levava uma vida boa e estável no Brasil. Admite, porém, que, assim que chegou, começou a trabalhar, adiando os planos de estudo, inclusive porque, nos três anos que passou na Europa (no momento da entrevista), esteve parte do tempo na Alemanha e na Espanha. Paralelamente, como ele mesmo afirma, essa experiência levou-o a valorizar mais o que tinha antes no Brasil (tema específico). Vejamos:

⁹ De fato, no já citado livro que investiga a migração brasileira para Portugal (PEIXOTO *et al.*, 2015), consta que Portugal se destaca, no contexto europeu, pela oferta de possibilidades de legalização, algumas direcionadas apenas a brasileiros.

T6: Eu fiquei um ano aqui, estava trabalhando aqui. Aí depois eu fui para Berlim, fiquei oito meses lá. Eu voltei para cá, aí eu morei uns quatro, cinco meses na Espanha, tá? Então, assim, eu tenho como referência esses três países com relação a ser um imigrante, né? [...] E acabei mudando meu ponto de vista com relação ao Brasil, né? Pelo fato de ter também uma outra referência. [...] Então assim, hoje eu dou muito valor àquilo que eu tinha, né? Família próxima, amigos e lazer. Hoje eu dou muito valor, né?

Com relação à Inglaterra especificamente, Sérgio revela que vive numa comunidade brasileira, o que o faz esquecer muitas vezes que está em outro país. Além disso, ele tem muitos colegas brasileiros na empresa onde trabalha. Apesar dessa proximidade com seus conterrâneos em Londres, admite que não se sente tão bem acolhido na cidade/no país, sobretudo, quando se leva em conta que

T7: A cultura brasileira é de acolher realmente, né. Então, uma pessoa de fora chega, então, a pessoa vai falar: “Meu, eu quero te mostrar a feijoada, experimenta a caipirinha” e assim por diante. Então a gente tenta mostrar tudo o que tem de bom, né?, para essa pessoa. Aqui já é o contrário, [...] você é problema seu, tá entendendo? Então, a partir do momento que você não interferir nos meus interesses, tá tudo bem.

Vemos que Sérgio relaciona um bom acolhimento à apresentação pelo nativo das coisas boas que existem no seu país (no caso da culinária brasileira, a feijoada e a caipirinha), o que está muito distante da realidade que o estrangeiro experimenta em Londres/na Inglaterra e, de certa forma, remete aos “códigos” de cada país a que Lucas faz referência em sua fala. Quanto à existência de uma comunidade brasileira na capital inglesa, vale a pena comparar esse fato com o que diz Lucas sobre o brasileiro que mora Paris: “Ele não fica numa comunidade, não fica num bairro, não fica num gheto [...] Ele se mistura. Então, essa é a vantagem do imigrante brasileiro. Aqui ele se mistura mais.”. De fato, salvo engano de nossa parte, há muitas associações de brasileiros em Paris, mas não necessariamente comunidades, como em Londres. Isso possivelmente tem a ver com uma outra observação de Lucas sobre o fato de os ingleses serem corteses, mas manterem uma certa distância em relação ao outro (estrangeiro). Ele conta que, na época em que participou de um centro de atores, quando eles se reuniam numa cafeteria depois da aula, os ingleses ficavam numa mesa, e os estrangeiros em outra.

Voltando ao relato de Sérgio, cabe, finalmente, destacar que ele também utiliza o discurso direto para reproduzir a fala de outrem (como em T7) ou para simular um diálogo com outra pessoa, ainda que o faça em menor proporção do que Júlia e Lucas. O uso do discurso direto parece ser, portanto, um denominador comum às três narrativas, contribuindo para agregar fidedignidade, autenticidade ao que é dito.

Outro tema imposto que integra o eixo 1 diz respeito à possibilidade de retorno (ou não) ao Brasil. Vejamos o que dizem os três entrevistados:

T8: Mas eu quero fazer essa pós-graduação e tenho vontade sim, de voltar para o Brasil, tá? Agora se eu vou voltar eu não sei, porque eu tô também começando a criar raízes aqui. Então, por exemplo, vou casar, entendeu? [...]

Então assim, claro que depois eu tenho que ver, se eu for voltar, o que vou fazer com a minha família, né? Mas assim eu ainda tenho na minha cabeça que um dia eu vou voltar. [...] Eu já estou aqui há uns três anos, acho que nos próximos - sei lá - sete anos, oito anos, eu tô de volta no Brasil. (Sérgio)

T9: Se penso em voltar pro Brasil, sempre. Talvez quando eu for velhinha, espero que o Brasil seja um lugar legal, né? Porque eu sempre penso que, né? ossos, velhice, é bom no calor de Fortaleza, praia, tudo ótimo. Seria lindo, mas hoje, neste momento, não, né? Tipo eu acabei de chegar, mas também não penso em ficar em Portugal mais de 3 anos, [...] pra onde ainda não sei, estou pensando em Amsterdam, inclusive. Pra mim o Brasil hoje seria uma coisa de velhice assim, apesar de que todo ano eu volto pro Brasil. Eu acho que é um relembrar de onde eu venho, as minhas raízes, que lugar é esse, tudo isso, então, acho muito importante também voltar. [...] Mas morar realmente acho que não. Pelo menos, não no momento. (Júlia)

T10: As pessoas falam: “Você quer voltar?”. Não sei. Hoje em dia, não. Pela situação do Brasil, porque meus filhos estão adaptados aqui, pelo menos até a maior idade, e porque eu não tô preparado pra ir pro Brasil agora. [...] A vantagem que eu falo que tem aqui na França é que é um país independente, um país que, hoje, ele é mais para centro-direita, mas é um país que é social, que a escola é de graça, período integral. É um direito e um dever pra todo mundo. Nenhuma criança pode tá fora da escola como tem no Brasil. Tem a saúde que é pra todo mundo. Todo mundo vai pagar a mesma coisa. [...] A pessoa que ganha mais do que eu, vai pagar 25 euros, e o outro que não tem dinheiro vai pagar 25. E 70% desse valor vai me ser reembolsado. [...] No Brasil, a gente não sabe para onde vai o dinheiro dos impostos, e aqui sabe. [...] Eu não voltaria pro Brasil hoje. Nem sei se volto pro Brasil um dia para morar. O meu objetivo, se eu pudesse, era ficar quatro meses aqui, cinco meses no Brasil e trabalhar fazendo teatro. Era o meu sonho (Lucas)

Os trechos apresentados mostram que o retorno ao país natal está sempre presente - em maior ou menor grau - no horizonte de expectativas do migrante. Revelam, além disso, que a decisão de voltar pode ser tão difícil quanto a de partir. Nessa perspectiva, nenhum dos três entrevistados tem planos de retornar ao Brasil no momento, pelo menos não em caráter definitivo. As razões são variadas: Sérgio, por exemplo, porque está criando raízes em Londres (casando-se, pensando em constituir família), embora preveja um retorno em sete ou oito anos; Júlia porque acabou de chegar a Portugal, mas tem um projeto de retorno no futuro (quando ficar “velhinha”). No momento pensa em ficar mais três anos em Lisboa e partir para outro país/outra cidade; Lucas, enfim, porque vê inegáveis vantagens na França (educação, saúde, transparência no uso do dinheiro público) em comparação com o Brasil, o que o leva a admitir que talvez nunca volte para morar. Tanto ele quanto Júlia, no entanto, contam que retornam ao país natal de tempos em tempos: ela para relembrar suas raízes; ele para ministrar cursos (*workshops*) de teatro.

A fala de Lucas em T10 nos encaminha para o segundo eixo temático: aspectos positivos e negativos da mudança de país porque são esses aspectos que determinam, em grande medida, o desejo do migrante de permanecer (ou não) na Europa. Além disso, como todos moraram em mais de um país europeu, são inevitáveis as comparações entre esses países e deles com o Brasil. Passemos, pois, a esse novo eixo.

Lucas, como vimos, coteja a realidade francesa com a brasileira, destacando as vantagens daquela em relação a esta. Complementando a avaliação iniciada em T10, diz:

T11: Mas aí eu falo, essas vantagens [é] porque o país é um país que tem uma base socialista. É um país socialista. Que é completamente diferente do Brasil. Então, independente dos governos no Brasil porque todo mundo sempre pagou altos impostos e, pra ter uma qualidade de ensino no Brasil, tem que ir pr'uma escola particular. Uma escola particular custa muito caro. E a universidade que é pública, que é de graça, quem tem acesso é quem tem um bom nível. E quem tem um bom nível infelizmente são as pessoas que vão pras escolas, pros colégios, os *licées*, os científicos particulares. E aqui na França não. Aqui na França, todo mundo tem direito.

Nesse trecho, ressalta o direito que todas as pessoas têm na França a uma educação pública de qualidade, questão que, segundo ele, está vinculada ao caráter socialista do país. Servindo-se do encadeamento de enunciados por meio do operador argumentativo de conjunção (e), comenta a já conhecida distorção que ocorre no Brasil: quem vai para a universidade pública é, paradoxalmente, quem pôde pagar uma escola particular no ensino básico, situação que, cotejada à da França, revela a injustiça que ocorre no Brasil no âmbito da educação. Assim, as questões da educação, da saúde e da transparência no uso do dinheiro público, apontadas em T10 e T11, constituem para Lucas vantagens inegáveis da vida na França. Já os pontos negativos, além das barreiras da língua e dos códigos descritas em T3, é quando o migrante se encontra em situação irregular. Em suas palavras:

T12: Agora o problema, o lado negativo, o problema de quando a gente [...] é ilegal no país, que não tem um número, a gente não existe. Pode existir como estudante também. Mas quando alguém aqui não tem o visto como eu tinha visto de turista, eu não era ninguém. Eu não tenho o número, eu não existo. Então, o ponto negativo é esse.

Por meio da repetição, em T12, de vocábulos de valor negativo - *problema, lado/ponto negativo, ninguém, não* -, Lucas aponta para a “invisibilidade” do migrante, sobretudo daquele que não tem autorização de permanência (no caso da França, a *carte de séjour*). Essa questão vai ao encontro do que constatamos na análise das narrativas de vida de quatro migrantes brasileiros que vivem na Europa em situação irregular (LARA, 2021b): eles desempenham tarefas muito abaixo do seu nível de qualificação, trabalham sem ser declarados por seus empregadores e sem se beneficiarem de nenhuma proteção ou direito. Ou seja, “não existem”, como destaca Lucas.

Quanto à comparação entre França e Inglaterra - e seus respectivos habitantes -, o trecho reproduzido a seguir (T13) mostra que, na ótica de Lucas, os ingleses são mais tolerantes e confiantes no outro - no trabalho do outro - do que os franceses, a quem ele associa o índice de avaliação “enquadrado” (*cadre*). Em função disso, a França seria um país mais afeito à burocracia. Para assinalar essa diferença entre os dois países e criar um efeito de sentido de autenticidade, Lucas se vale do discurso direto, como já apontamos: simula um diálogo com um empregador inglês e, em seguida, reproduz perguntas que seriam feitas por um possível empregador francês (grifos nossos):

T13: A diferença da Inglaterra, se eu faço depois um paralelo com a França, é que [...] os ingleses eles não precisam de diploma, [...] eles não perguntam – nunca me perguntaram – se eu tinha diploma de garçom. Me perguntaram: “Você sabe servir?” “Sei”, “Então tá”. É na base da confiança. [...] E na França tem diferença. [...] Eles vão sempre perguntar: “**Tem um diploma, você trabalhou na *restauration*, você fez uma escola de hotelaria?**”. A França é [...] tudo *cadré*. Mas na Inglaterra, pelo menos era assim, é mais pela confiança, né?

Júlia, por sua vez, além da já citada questão da maior facilidade de obtenção de visto e de nacionalidade em Portugal, sobretudo para brasileiros (ver T5), destaca outros pontos positivos do país e, particularmente, de sua capital:

T14: [...] a única coisa que aqui faz muita diferença do Brasil é o fato da gente ter direito de ir e vir. Então, um ponto positivo é caminhar na rua meia-noite e estar tudo bem. De novo, eu moro no centro. [...] Se eu morasse na periferia, isso também não seria bem assim. Aqui tem alguns lugares que é tão complicado quanto no Brasil, dependendo da cidade que você vive. Então, assim, mas morando no centro, tá tudo bem, eu posso caminhar, eu posso fazer o que eu bem entender, né. Então, tem uma liberdade do corpo que eu acho que é muito única, né? Eu acho que isso é um ponto positivo, que não é só de Lisboa, é da escolha Europa, né?, de modo geral. Um outro ponto positivo, pra mim, de novo, é a questão das línguas. Eu tenho amigos de tantas nacionalidades e falo várias línguas ao mesmo tempo e isso pra mim é muito bom.

Embora relativize a questão da segurança em Portugal e, particularmente, em Lisboa (“Aqui tem alguns lugares que é tão complicado quanto no Brasil, dependendo da cidade que você vive”), Júlia considera “o direito de ir e vir” como um ponto bastante positivo da mudança para o novo país, assim como a possibilidade de falar várias línguas, em função das pessoas de diferentes nacionalidades que moram na capital portuguesa. Quanto aos pontos negativos, um deles é o fato de a pessoa não ser conhecida no mercado de trabalho. Se isso, por um lado, é bom, porque “você pode se reinventar e ser quem você quiser”, por outro, é ruim, como explica Júlia:

T15: Eu tenho que sair me apresentando, de novo, e, por exemplo, é um desafio ter que parar pra mandar currículo, escrever carta de motivação, tudo de novo, sabe assim? Pra vagas e pra pessoas que não te chamam sem saber quem você é. Eu acho que é um ponto negativo, né? Eu acho que um outro ponto negativo é a falta de abertura, que é uma coisa muito única nossa. A gente não precisa ser amigo, mas a gente acolhe muito bem, né? Eu acho que aqui eles até acolhem, talvez a questão do turista, mas quem vive realmente, eu não acho que eles sejam acolhedores.

Outro ponto negativo que aparece em T15 é a falta de abertura dos portugueses para acolher o outro/migrante, já que com o turista, segundo Júlia, a situação é diferente. Esse é um

ponto similar ao levantado por Sérgio para o contexto inglês (ver T7) e, assim como no caso dele, corresponde ao estereótipo do brasileiro cordial, que recebe o outro de braços abertos, o que, como sabemos, não corresponde à realidade dos fatos. O povo português, além do mais, é avaliado como “difícil de se adaptar a mudanças”. Um exemplo disso é o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa que, de acordo como Júlia, enfrenta até hoje muita resistência no país, enquanto, no Brasil, rendeu bem menos discussão e polêmica. Já da Itália, país onde também viveu quando cursou o mestrado, Júlia pouco fala, limitando-se a sinalizar a dificuldade maior que esse país apresenta, em comparação com Portugal, quando se trata de obter visto ou nacionalidade, o que já foi comentado anteriormente.

Sérgio, como vimos, se, por um lado, considera os ingleses pouco acolhedores, por outro, destaca que, pelo fato de ser uma cidade cosmopolita, Londres “já está acostumada, com esse lance do imigrante”, o que sugere uma certa indiferença dos ingleses/londrinos no que se refere a essa questão. Além de avaliar sua experiência na Inglaterra, Sérgio também fala da Alemanha, país que, como ele mesmo diz, não correspondeu às suas expectativas, o que, mais uma vez, remete às ideias estereotipadas que temos sobre outros povos/outras culturas¹⁰. Vejamos:

T16: Eu fiquei na Alemanha, eu morei no centro da cidade. [...] Morei um pouco afastado também. E trabalhei pra Amazon, né? Então assim, eu tive uma impressão totalmente diferente da Alemanha antes de ter ido para lá. Então, eu pensava que a Alemanha era uma potência, a potência que é vendida né? Um país pra frente, com pessoas super inteligentes [...] e assim por diante. Infelizmente a experiência que eu tive me deixou um pouco frustrado com relação a isso. Então eu percebi que o alemão não é tão inteligente do jeito que é vendido. E o país não é tão avançado como parece. [...] O sistema financeiro lá, de banco, eu trabalhei com um banco alemão. Muito ruim, muito atrasado.

Comenta que, assim como na Inglaterra, as pessoas na Alemanha são muito dependentes dos benefícios sociais:

T17: Elas não tão ligando muito para o fato do trabalho, entendeu? Então elas veem o trabalho como uma oportunidade do cara começar e aí de uma forma [ou de outra] ele sai desse trabalho, né, fica desempregado e tenta ficar pendurado em algum benefício social. [...] Vi que a cultura, essa cultura de ficar pendurado no governo não é só do imigrante, infelizmente, também é do próprio alemão.

Em T16 e T17, por meio dos índices de avaliação mobilizados para a Alemanha (*pouco avançada*, com um sistema financeiro *ruim*, *atrasado*) e para o povo alemão (*não muito inteligentes*, *pendurados no governo*), Sérgio constrói uma imagem negativa do país e de seus habitantes, o que o leva a concluir, comparativamente, que o Brasil não está tão atrasado como parece. Propõe que se valorize o lado cultural do nosso país, o que, no seu entender é uma questão de

¹⁰ Sérgio fala um pouco da Espanha, país onde viveu por 4 ou 5 meses. Porém, como nosso critério para que se possa considerar uma experiência migratória, no âmbito do projeto “O discurso de (e)migrantes brasileiros no contexto europeu” (ver nota 6), é de, no mínimo, 6 meses, não analisaremos suas observações sobre esse país.

patriotismo (tema específico). Menciona, além disso, o potencial de investimentos que o Brasil apresenta, diferentemente da Europa, onde “as coisas já estão prontas”. Constrói, portanto, uma imagem mais positiva do Brasil, mesmo reconhecendo os problemas (sociais, educacionais, de segurança) que o país enfrenta e que, na sua opinião, são responsáveis pela migração de muitos brasileiros para a Europa, em busca de uma vida melhor. Em suas palavras:

T18: É claro que a gente tem muitos problemas sociais [...], mas assim eu acho que falta um olhar mesmo na questão do patriotismo, na questão da valorização da nossa cultura. [...] Eu sei que falta educação, falta uma série de coisas. A questão da segurança, né, essa questão que, para mim que sou de São Paulo, ela é muito crítica, né? É uma das coisas que motivam muito as pessoas a sair de lá. [...] Eu tenho esperança, eu acredito que o Brasil é um país que tem muito a ser feito, né? Então assim tem muita oportunidade, né?, se você olhar no ponto de vista das coisas que podem ser melhoradas, né? Então, assim eu acho que aqui fora as coisas já estão prontas, né? [...] Então o Brasil é um país que eu ainda acredito que é um lugar que você pode investir e que vai te dar um retorno, entendeu?

É, principalmente, por acreditar no Brasil - como se ele fosse uma espécie de país do futuro - que Sérgio pensa em voltar num prazo de sete ou oito anos, mesmo admitindo que está “criando raízes” na Inglaterra (ver T8).

Cabe observar, no que tange, particularmente, à questão da segurança, que Sérgio tem uma opinião muito particular sobre a abordagem da violência no Brasil e na Inglaterra (tema específico), embora ele se apresse em explicar que não se trata exatamente do mesmo tipo de violência num país e no outro. Diz: “Claro que aqui não tem um *Cidade Alerta* que passa o problema de manhã, de tarde e na janta e assim por diante”. E complementa: “Aqui, quando acontece alguma coisa, as pessoas nem ficam sabendo, porque a polícia fecha a rua, limpa a sujeira, abre a rua, e ninguém sabe, entendeu?”. Isso, na ótica de Sérgio, é bom para o país, pois dá às pessoas “uma sensação de segurança”, enquanto, no Brasil, a (super)exposição da violência pelas mídias (descrita pelo índice de avaliação “escancarada”) cria uma imagem negativa do país internacionalmente, prejudicando, inclusive, o turismo. Chama a atenção, no caso da Inglaterra, a escolha do vocábulo “sensação” para falar da segurança no país, já que se trata de um conhecimento imediato e intuitivo, mas não necessariamente ligado à realidade dos fatos.

De qualquer forma, além dessa “sensação de segurança” que a Inglaterra propicia, outro ponto positivo para Sérgio é a moeda forte, que implica, portanto, maior poder aquisitivo para aqueles que ganham em libras (*pounds*). Ele explica:

T19: O *pound* comparando com o Real, é 5.40, né? 5.75. Então assim, o lance da moeda ser forte, o que ela traz de benefício. Então assim, existem bens, que eles não mudam de preço, de valor. Então, vamos falar dum I-phone. O I-phone é o mesmo preço aqui que nos Estados Unidos e no Brasil. Só que a moeda brasileira é tão fraca que o negócio se torna tipo impossível de você comprar, entendeu? [...] Eu acho que o país quando tem uma moeda mais forte ele te dá mais possibilidade. Ele faz com que você tenha acesso a muito mais coisas, entendeu?

Comenta ainda, como ponto positivo, o auxílio que o governo dá para quem quer estudar, fazer universidade. Trata-se de financiamentos (*loans*) que são cobrados, segundo Sérgio, quase sem juros depois, quando a pessoa consegue um emprego a partir de uma certa faixa salarial, o que “dá força para educação” e “oportunidade para todo mundo ter acesso a uma universidade”. Por outro lado, como ponto negativo, especialmente em Londres, menciona o preço da moradia, que é muito alto: “O salário mínimo aqui [...] dá o quê? Mais ou menos umas mil e quatrocentas libras no mês para quem trabalha média de quarenta horas por semana. Então, se você for falar numa moradia tipo uma casa, vai acabar o seu salário inteiro, entendeu?”. Isso faz com que, diferentemente do Brasil, as pessoas optem por morar inicialmente em quartos.

Passemos ao terceiro eixo temático: relações com o *outro*: brasileiros, nativos e demais estrangeiros, com destaque para o olhar do nativo sobre o migrante, sobretudo o brasileiro. Começaremos por Lucas que, comparando franceses e ingleses, diz:

T20: Na Inglaterra eu andava com uma calça de quatro cores, [...] vestido como eu queria, e ninguém ficava me observando e me julgando. [...] O agente da agência bancária, ele tinha cinco, seis *piercings* aqui, cinco brincos na orelha e tatuagem. O que interessa é o trabalho dele. O policial indiano tem o turbante dele. Aqui não, aqui é um Estado laico. Então aqui não pode ter. Mas, se eu vou me vestir dessa maneira, com certeza as pessoas vão me olhar, vão me julgar: “Ah, o cara é meio *hippie*, ou o cara não tem dinheiro.”. [...] A vantagem na Inglaterra é que a gente pode botar uma melancia na cabeça que ninguém vai julgar. Ela vai julgar pelo que você faz.

T20 mostra que os ingleses, na ótica de Lucas, são mais tolerantes e confiantes no outro - no trabalho do outro - do que os franceses, que, como vimos anteriormente, seriam mais “enquadrados” (*cadrés*). Em função disso, eles parecem ser mais preconceituosos do que os ingleses: o sujeito que se veste como quer (com uma calça de quatro cores, por exemplo) será taxado de *hippie* ou de pobre (estereótipos) e julgado por essa condição, não pelo serviço que presta. A conhecida metáfora de “botar uma melancia na cabeça” remete, de certa forma, ao comentário de Sérgio em T7 sobre uma certa indiferença do povo inglês em relação ao outro (migrante/estrangeiro), desde que este não o incomode: “Você é problema seu, tá entendendo? Então, a partir do momento que você não interferir nos meus interesses, tá tudo bem.”.

Lucas comenta ainda que sofreu preconceito na França, não propriamente por ser migrante, mas como brasileiro que não falava a língua. No trecho reproduzido, a seguir, ele amplia essa questão, falando sobre os estereótipos que vão alimentar o preconceito, como o fato de migrantes da África e da América do Sul serem considerados, de forma genérica, como pessoas pobres e ignorantes. Em suas palavras:

T21: Então pensavam que eu vinha do *tiers monde*. [...] Eles acham que alguém que venha, seja da África ou da América do Sul, todos nós somos pobres, que a gente não sabe nada. Só que aí eu encontrava pessoas que tinham menos cultura que eu. Aí quando eu começava a falar de teatro, quando eu começava a falar em três, quatro línguas, as pessoas baixavam e entravam no meu ritmo.

Outra ideia estereotipada que circula no contexto francês é o fato de muitos pensarem que quem veio do Brasil veio da favela. Ou, no outro extremo, que não tem sentido trocar o Rio de Janeiro, com suas belezas naturais, por Paris (“Quando eu falo que vim do Rio de Janeiro, as pessoas perguntam: “Que que você tá fazendo em Paris? Você é maluco?”). Lucas admite que sofreu alguns preconceitos, mas em menor grau do que pessoas de outros países (sobretudo, os da África). Isso se deve, na sua opinião, ao grande número de brasileiros atualmente na França e, particularmente, em Paris, o que faz com que eles sejam mais bem aceitos do que outras nacionalidades.

Quanto às relações com brasileiros, nativos e outros estrangeiros, Lucas revela que a maioria das pessoas com quem convive, atualmente, são franceses (sua esposa, colegas da companhia de teatro etc.). Diz que tem amigos do mundo inteiro e que dá aulas de teatro para refugiados de quinze nacionalidades diferentes. Conta que tem pouco contato com brasileiros hoje em dia, não porque não queira, mas porque, no seu entender, não basta encontrar um brasileiro porque é brasileiro; é preciso ter afinidade. Por outro lado, diz “Tenho o maior orgulho de dizer que eu sou brasileiro e carioca. Então, pra mim isso é importante: sou brasileiro, sou carioca, mas sou parisiense também, porque eu estou em Paris. Mas então assim eu adotei o país.” E completa mais adiante: “Eu falo assim brincando: ‘Eu sou o parisiense mais carioca de Paris e o carioca mais parisiense do Rio de Janeiro’[...] Eu tenho raiz no Brasil. Eu tenho raiz aqui também”.

Os dois excertos reproduzidos no parágrafo anterior remetem ao tema (específico) do “duplo pertencimento”, que Lucas enfatiza algumas vezes ao longo de sua entrevista. O migrante, na verdade, ocupa um entrelugar identitário: ele não é mais completamente aquele que saiu de seu país de origem, e nem inteiramente pode assumir a identidade do país de chegada. Trata-se de uma negociação permanente entre a identidade e a alteridade que Lucas busca resolver, dizendo-se, ao mesmo tempo, brasileiro/carioca e francês/parisiense. Sayad (1999) vai mais longe ao dizer que:

O imigrante é *atopos*, sem lugar, deslocado, inclassificável. [...] Nem cidadão, nem estrangeiro, nem verdadeiramente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, situa-se nesse lugar “bastardo” de que fala também Platão, a fronteira do ser e do não ser social. (SAYAD, 1999, p. 18; grifo do original)¹¹

Duplo pertencimento, entrelugar identitário, lugar “bastardo”, a denominação importa menos do que a constatação de que a situação descrita nos parece constitutiva da própria condição do migrante.

Quanto a Júlia, ela conta que tem amigos de várias nacionalidades, principalmente, italianos, franceses e ingleses. Convive pouco com portugueses. Numa posição muito próxima à de Lucas, quando este menciona a necessidade de afinidade nas relações com brasileiros, diz, referindo-se à sua primeira estadia em Portugal: “Por que eu seria amiga aqui só porque é brasileira? Então, era gente muito diferente de mim e que eu não tinha um contato, então, eu me sentia muito mais confortável com os estrangeiros”. Desta vez, porém, admite:

¹¹ Tradução livre de: “L’immigré est *atopos*, sans lieu, déplacé, inclassable. [...] Ni citoyen, ni étranger, ni vraiment du côté de Même, ni totalement du côté de l’Autre, il se situe en ce lieu ‘bâtard’ dont parle aussi Platon, la frontière de l’être et du non-être social.

T22: Tem muita gente legal vindo mesmo e eu acabo conhecendo muitos espaços, que são de brasileiros e acabo tendo mais amizade com os brasileiros agora do que antes, por exemplo. [...] A maioria das pessoas que eu conheço veio pra fazer mestrado ou doutorado e alguns pra abrir negócio, espaços culturais e tem muita coisa legal também nesse aspecto.

Em relação do olhar do português para o migrante brasileiro, Júlia conta que nunca sofreu preconceito no trabalho, por exemplo, “de perceber que você não vai ser contratada porque é brasileira, mas aconteceu com casa”. Isso se deve ao fato de que “tem muito essa ideia de que brasileiros só dão festa, só dão confusão, vão deixar a casa em frangalhos e vão aperrear, atrapalhar os vizinhos etc.”, o que, como vemos, está ligado aos estereótipos sobre o brasileiro no exterior. Acrescenta que, normalmente, percebe preconceito em certas instituições portuguesas, como é o caso do SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras). Em suas palavras:

T23: [...] coisas assim de, por exemplo, você chegar [...] dizendo: “Olha, eu preciso de um atestado que diga que eu não tenho dívidas. É um atestado de antecedentes criminais, sei lá.” E a palavra não é exatamente a mesma e nisso eles dizem: “Ah, não tô entendendo o que você está me dizendo.” [...] Até que eu vou no *site* e digo: “Olha, é isso aqui que eu preciso, sei lá, certificado não sei quê.” “Agora eu entendi.” É claro que ela entendeu. [...] Eles aqui têm as nossas novelas desde a época da Tieta. Então, assim, eles têm muito mais acesso a quem é o Brasil e como a gente fala do que a gente a eles. A gente não sabe, na verdade, quem é Portugal, né?

Utilizando o discurso direto para simular um diálogo com uma possível funcionária de uma instituição portuguesa, Júlia aponta a questão do preconceito (linguístico) contra brasileiros, que, segundo ela, ocorre até dentro da própria universidade:

T24: Dizem que a gente não fala português e tiram ponto da gente porque a gente não fala português. Então, enquanto o estrangeiro chega e rapidamente eles falam inglês, ou seja, eles se abrem muito rápido pra falar outra língua e vêm dizer que nós não falamos português.

Júlia faz, porém, a ressalva de que o perfil dos brasileiros vem mudando, sobretudo na última década, graças ao maior poder aquisitivo de certas pessoas – que investem acima de 500 mil euros no país, fazendo, assim, jus ao chamado “Visto Gold” (mais de mil brasileiros, atualmente, segundo ela) – e também pela maior qualificação dos novos migrantes, muitos com mestrado e/ou doutorado¹².

¹² Peixoto *et al.* (2015, pp. 2-3) identificaram dois grandes fluxos migratórios de brasileiros para Portugal: uma 1ª

Sérgio, enfim, morando numa comunidade brasileira e trabalhando com brasileiros, não convive muito com os ingleses, a não ser com os clientes e fornecedores da empresa onde atua e com um cunhado (casado com a sua irmã), que é inglês. Comenta que nunca sofreu nenhum tipo de preconceito, o que atribui ao fato de Londres ser uma cidade cosmopolita, que recebe gente do mundo inteiro (embora, como vimos em T7, ele não se sinta exatamente bem acolhido).

Terminada a exploração dos três eixos temáticos propostos, passemos ao plano da dêixis enunciativa. Maingueneau (2004, p. 148) explica que a dêixis é classificada, geralmente, segundo três domínios constitutivos da situação de enunciação: pessoa, espaço e tempo. Faz, porém, a ressalva de que alguns pesquisadores utilizam essa noção apenas no âmbito das relações espaciotemporais. Acrescenta que, em análise do discurso, “é preciso considerar a situação que é pertinente para o gênero de discurso referenciado [...] e, eventualmente, a situação que constrói o próprio discurso e a partir da qual ele pretende enunciar, sua cena de enunciação”. No caso deste artigo, considerando o gênero narrativa de vida e a cena de enunciação que o atravessa e legitima, julgamos pertinente tratar das três categorias - pessoa, espaço e tempo -, ainda que o próprio Maingueneau (2005) restrinja-se às relações espaciotemporais quando trata dessa noção no escopo de sua Semântica Global.

Assim, quanto à projeção da categoria de pessoa, constatamos, nos três relatos em análise, a larga predominância de um *eu* que (se) conta ao outro, o que é próprio do gênero narrativa de vida. Esse *eu* desliza, muitas vezes, para um *nós/a gente* - que tanto pode significar *nós, brasileiros* quanto *nós, migrantes* - e que se opõe a um *eles*: mais frequentemente, os nativos de um dado país, mas também outras pessoas com as quais os sujeitos interagem. Seguem exemplos¹³:

- a) Então, quando **eu** cheguei aqui, **eu** fiz um mês de Aliança Francesa, mas **eles** não me deram o visto de estudante. (Lucas)
- b) [...] quando **a gente** é ilegal no país, que não tem um número, **a gente** não existe. (Lucas)
- c) **Eles** [os franceses] acham que alguém que venha da África ou da América do Sul, **todos nós** somos pobres, que **a gente** não sabe nada. (Lucas)
- d) Aqui é mais objetivo. E **a gente** tem uma maneira de pensar latina que, às vezes, **a gente** [...] tem vontade de falar tantas coisas que **a gente** acaba não indo no ponto essencial. (Lucas)
- e) Então, assim, **eles** [os portugueses] têm muito mais acesso a quem é o Brasil e como **a gente** fala do que **a gente** a **eles**. (Júlia)

vaga (anos 1970-1980) formada por brasileiros, majoritariamente de classe média-alta e com escolaridade elevada, que se deslocavam para Portugal por razões políticas ou econômicas; uma 2ª vaga (após os anos 1990), mais volumosa que a 1ª, composta, sobretudo, de pessoas com um perfil menos escolarizado e menos qualificado, numa migração tipicamente econômica. Com a crise econômica mundial, a partir de 2008, iniciou-se uma nova fase com contornos ainda pouco definidos. Porém, dados que coletamos em nossa pesquisa, levam-nos a acreditar no surgimento de uma 3ª vaga, composta predominantemente por pessoas mais jovens (média de 30 anos) e com elevada escolaridade (muitos com mestrado e/ou doutorado), o que vai ao encontro do comentário de Júlia sobre a mudança de perfil do brasileiro em Portugal mais recentemente.

¹³ Nestes e nos próximos exemplos sobre a dêixis pessoal, os grifos são nossos.

- f) **A gente** não precisa ser amigo, mas **a gente** acolhe muito bem, né? Eu acho que aqui **eles** [os portugueses] até acolhem, talvez a questão do turista, mas quem vive realmente, eu não acho que **eles** sejam acolhedores. (Júlia)
- g) **A gente** não tá tão atrasado como parece. Então, é claro que **a gente** tem muitos problemas sociais.... (Sérgio)
- h) Pois se vê na crise [...], acho que na década de 70, aqui na Inglaterra, uma das coisas que **eles** lutaram para que não caísse era a moeda. Então assim, o país tava ruim, mas **eles** lutaram porque **eles** sabem que uma moeda fraca pro país, ele acaba perdendo uma força, né? (Sérgio)

Nos relatos de Júlia e Sérgio, aparece também outro tipo de “nós” - o chamado “nós inclusivo” - que se faz presente em “digamos assim” (ver exemplos a seguir). Esse tipo de glosa funciona como uma injunção que instaura explicitamente uma enunciação conjunta, com tonalidade de desculpa, para que aqueles que “codizem” se contentem com um termo não muito satisfatório (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 182). É o caso de Júlia, que, no enunciado i), sinaliza que o termo *finalmente* talvez não seja muito apropriado para fazer referência à morte da avó (embora seja mais “leve” por se tratar de um eufemismo). Ou de Sérgio para quem a palavra *fracasso* ou, mais adiante, o enunciado “não ganhei nada”, traduziriam apenas aproximadamente sua situação, caso não faça a pós-graduação, uma vez que a experiência sempre traz algum tipo de ganho, por menor que seja:

- i) Eu passei 2 anos me debatendo, não querendo estar no Brasil, assim, tive, inclusive, ataques de pânico [...], passei por uma série de coisas, só que, depois de passados esses 2 anos, no finalmente, **digamos assim**, da minha avó, eu tive saúde mental e física pra estar com ela... (Júlia)
- j) Eu não quero voltar antes de fazer minha pós-graduação que é o meu objetivo principal, né?, que me fez mudar, né? Eu não quero voltar antes porque senão vai ser como se eu tivesse um fracasso, **digamos assim**. Então eu fui para lá e fiquei todo esse tempo e acabei que não ganhei nada, **digamos assim**, né?

Outra ocorrência que chama a atenção é o uso de um *você* (ou mesmo de um *eu*) genérico, ou seja, qualquer pessoa na mesma situação, embora também encontremos, nos relatos analisados, um *você* dirigido à entrevistadora (frequentemente, associado a marcas de oralidade, como “né?”, “entendeu?”, “sabe?”). Vejamos alguns casos desse emprego do *você/eu* genéricos:

- k) Mas eu acredito que a moeda é um fato importante. Ainda mais quando **você** precisa mandar um dinheiro, se tiver alguma coisa no Brasil, né? Isso ajuda bastante. (Sérgio)
- l) Então, por exemplo, **eu** terminei a minha faculdade, **eu** fiz um *loan*, peguei quarenta mil libras pra estudar e consegui meu primeiro emprego. Não alcancei [...] vinte mil libras por ano; então **eu** não pago ainda. (Sérgio);
- n) “Se **você** já sabe fazer isso, **você** já entra no código do país.” (Lucas)

- o) “Era um perfil anterior do brasileiro que [...] era o do imigrante para ficar ilegal que, de novo, já é um preconceito **você** falar do ilegal, do irregular...” (Júlia).
- p) “O legal é que **você** pode se reinventar e ser quem **você** quiser.” (Júlia)

Quanto à dêixis espaciotemporal, em trabalhos anteriores (LARA, 2018, 2019, 2021), constatamos dois momentos básicos na trajetória do migrante: um *antes* (que remete a um *lá*, no país de origem) e um *agora* (que remete a um *aqui*, no país de chegada). No caso dos três brasileiros cujos relatos selecionamos para este artigo, os ditos “cidadãos do mundo”, esse movimento se torna mais complexo, tendo em vista seu “vai e vem” entre o Brasil e a Europa e entre países europeus. Tomemos apenas o caso de Lucas para exemplificar. Seu *aqui/agora* é a França, no momento atual. Até aí tudo bem. Entretanto, o seu *lá/então* implicaria vários momentos e diferentes lugares. Teríamos assim: M¹ - na França (1^a. vez); M² - no Brasil (retorno pós França); M³ (na Inglaterra), até chegarmos a M^{atual} (na França, 2^a. vez). Júlia e Sérgio seguem, basicamente, uma trajetória semelhante em que o *aqui/agora*, respectivamente em Portugal e na Inglaterra, são antecidos por um *lá/então*, desdobrado em vários momentos/países.

Passemos, finalmente, ao último plano da Semântica Global que elegemos para este artigo: o modo de enunciação, que, em trabalhos posteriores, Maingueneau (2006; 2008, entre outros) associará à noção de *éthos*. Lembremos com Amossy (2004, pp. 220-221) que o *éthos*, juntamente com o *páthos* e o *logos*, integra, no domínio da retórica, a trilogia aristotélica dos meios de prova, podendo ser definido, grosso modo, como a imagem de si que o orador constrói no/pelo discurso. Do ponto de vista da análise do discurso, Maingueneau (2005, pp. 94-97) considera que todo texto, seja ele oral ou escrito, está associado a uma “maneira de dizer” (revelada por meio de elementos como o tom, o ritmo, a escolha das palavras e dos argumentos etc.) que remete a uma “maneira de ser”. Assim, a leitura (ou escuta) faz emergir uma “origem enunciativa”, uma “instância subjetiva encarnada” que funciona como garantia (fiador) do que é dito.

Diferentemente do *éthos* vulnerável, fragilizado que, em geral, atribuímos aos sujeitos deslocados ou em deslocamento (ver LARA, 2018, 2019, 2021), nas entrevistas de Lucas, Júlia e Sérgio, há um tom firme e assertivo que atravessa a narrativa e que contribui para a construção de um *éthos* determinado e confiante, de quem reconhece os obstáculos, mas não esmorece diante deles, de quem está disposto a lutar por aquilo que quer. Lucas, por exemplo, mesmo diante de situações adversas, mantém o otimismo: “Porque eu tive uma experiência que eu não aconselho as pessoas. Mesmo que minha experiência foi bacana, mas é uma experiência difícil. Tem que ter vontade”. Mais adiante, completa:

T24: Hoje em dia os Estados Unidos não é mais o Eldorado. E a Europa não é o Eldorado. A Europa mudou muito e está em crise. Mas vai, segue a intuição. Se eu fosse escutar todas as pessoas que me disseram a primeira vez: “Não vai, você não conhece ninguém, não sabe falar a língua”, eu nunca teria vindo e foi uma das experiências mais ricas da minha vida.

Nos trechos citados, podemos atribuir a Lucas um *éthos* de determinação e autonomia para tomar decisões. Revela que, apesar das dificuldades que enfrentou na sua trajetória de

migrante ou das previsões pessimistas daqueles que procuraram dissuadi-lo (expressas em discurso direto para criar um efeito de sentido de autenticidade, de fidedignidade, como já vimos), sua experiência migratória foi *bacana* e extremamente *rica* (índices de avaliação). Essa determinação se deve, em grande medida, ao fato de ele assumir as decisões que toma(ou) sem qualquer tipo de lamúria ou nostalgia do que ficou para trás. Diz, metaforicamente, que não é aquele brasileiro que está na França para “comer arroz com feijão”. Ou seja: viver em Paris, para ele, significa uma “escolha de vida”, que, como tal, deve ser integralmente assumida.

Júlia, por seu lado, confessa que, quando decidiu retornar a Portugal na segunda vez (após a morte da avó), teve medo, mas soube enfrentá-lo, de modo a seguir adiante com a decisão que tomou, mostrando igualmente um *éthos* de coragem e determinação, similar ao de Lucas. Vejamos:

T25: Então, tinha uma série de receios, inclusive com relação a estabilidade de “Ok. Já sei o que eu quero. Então, será que eu vou conseguir? Então, é isso: eu já tinha morado aqui e sabia que a gente não conseguia trabalho, ou melhor, [...] tem trabalho, não tem emprego, né? Conheço muita gente que tá há mais de 10 anos trabalhando num *call center* [...]. Então, assim, não é que você não tenha dinheiro para se manter, até arranja, tem, mas na sua área, será? [...] Então, tem uma série de medos aí, que vieram junto com isso, mas, ao mesmo tempo, eu disse: “Não, mas eu quero me mover e eu tô sentindo falta disso e eu vou fazer esse passo.”

Em T25, é possível contatar que Júlia tinha consciência das dificuldades que poderia enfrentar em Lisboa, expressas em perguntas que ela faz a si mesma: “Então, será que vou conseguir?”, “Então assim, não é que você não tenha dinheiro para se manter [...], mas na sua área, será? Porém, disposta a superar esses medos, ela manteve a decisão de partir, em busca de uma nova mudança de vida: “Não, mas eu quero me mover e eu tô sentindo falta disso e eu vou fazer esse passo.” E mesmo que admita que essa sua segunda ida para Portugal é um “recomeçar”, com tudo o que isso implica (mandar currículo, escrever carta de motivação, tornar-se conhecida no novo meio profissional etc.), ela assume uma postura otimista quando diz: “O legal é que você pode ser reinventar e ser quem você quiser. Isso é muito bom.”

O mesmo *éthos* de determinação perpassa o relato de Sérgio, quando ele conta, por exemplo, que resolveu abrir mão de uma vida confortável e estabilizada em São Paulo para perseguir um sonho: mudar-se para Londres para fazer pós-graduação. Afinal, a mudança de país implicou um processo de “desenraizamento”, expresso numa série de rupturas relevantes com o seu cotidiano do/no Brasil, o que exige muita disposição e coragem:

T26: No Brasil eu tinha uma vida muito boa, né? [...] Eu trabalhava num banco de investimentos, tinha meu apartamento, né? Tinha uma vida social muito boa também, né? Eu morava em São Paulo, se eu quisesse ir para a praia era uma hora de distância [...]. No inverno eu ia para Campos do Jordão; uma vez por ano viajava pra fora. O motivo de eu ter vindo pra cá foi pra estudar realmente, fazer uma pós-graduação, uma coisa assim.

Embora admita que, desde que chegou, começou a trabalhar e atrasou o “lance do estudo”, Sérgio mantém o desejo de fazer uma pós-graduação, o que, como vimos no exemplo j) mais acima, caso não se concretize, representaria, para ele, uma espécie de fracasso: o de não atingir a meta que o levou a migrar para a Inglaterra. Confessa também sua vontade de retornar ao Brasil em alguns anos, revelando um *éthos* esperançoso quanto ao futuro do país (como mostra sua fala em T18).

Vemos, pois, que cada um a seu modo, os três “narradores” não têm nenhuma nostalgia do passado ou arrependimento relativo à decisão de migrar. Embora possam ter dúvidas ou temores no momento da(s) mudança(s) (afinal, antes de qualquer coisa, eles são humanos) e saibam que enfrentarão dificuldades no(s) país(es) de chegada, Lucas, Júlia e Sérgio vão em frente, relevando um *éthos* de determinação, coragem e otimismo, como mostra o tom assertivo que assumem em seus relatos, mesmo quando falam dos obstáculos que enfrentam(ram).

Concluído o exame das três narrativas de vida selecionadas para este artigo, a partir dos quatro planos - temas, vocabulário, dêixis enunciativa e modo de enunciação (*éthos*) - que integram nosso dispositivo de análise, só nos resta caminhar para os “finalmentes”, o que faremos a seguir, de forma bastante breve, uma vez que os cotejos entre os relatos já foram feitos, em grande medida, ao longo desta seção.

5 Comentários finais

A partir da análise das narrativas de vida empreendida anteriormente, acreditamos ter cumprido nosso objetivo maior de desvelar para o leitor as imagens ou representações de si, do outro (nativo), do país de chegada e do país de partida, entre outras, que os migrantes brasileiros entrevistados constroem por meio da linguagem (do discurso). Se os relatos assumem as marcas da subjetividade de cada “narrador”, visto que seus trajetos e suas experiências são diferentes - e, portanto, também a maneira de (re)contá-los -, não podemos perder de vista o lugar de onde todos eles enunciam: o “lugar do migrante”, com as coerções que isso implica, o que responderia por aspectos comuns às três narrativas, de acordo com a concepção de sujeito (em tensão entre o “mesmo” e o “diferente”) que assumimos aqui, em consonância com Orlandi (2001).

Entre esses aspectos comuns, ressaltamos: a) um viés aventureiro na sua motivação para migrar, já que nenhum deles se mudou para a Europa para juntar dinheiro ou para ter uma vida digna, como tantos outros migrantes (brasileiros ou não); b) um projeto de não retorno definitivo ao Brasil, pelo menos a curto prazo, seja porque estão (re)começando a vida no exterior (como é o caso de Júlia e Sérgio), seja pelas vantagens que a Europa representa para eles (em relação à educação, à segurança etc.); c) a capacidade de avaliar criticamente (em seus pontos positivos e negativos) os países onde moraram e seus habitantes e de detectar, inclusive, a ocorrência de situações de preconceito contra os migrantes brasileiros ou de outras nacionalidades (particularmente, Lucas e Júlia); d) a presença frequente do discurso direto para reproduzir seja a própria fala do “narrador, seja a fala de terceiros, de modo a construir um efeito de sentido de fidedignidade e de autenticidade para o que é dito; e) do ponto de vista das projeções de pessoa, tempo e espaço, o predomínio de um “eu” que (se) conta ao outro, o que está previsto no próprio gênero narrativa de vida, mas, ao mesmo tempo, relações espaciotemporais mais complexas e dinâmicas pelo fato de terem vivido em mais de um país

européu; f) um *éthos* confiante e determinado, que se manifesta por um tom firme e assertivo, mesmo nos momentos de dúvida ou de dificuldade.

Diante de tudo o que foi aqui exposto, resta uma pergunta: por que esses três migrantes - Lucas, Júlia e Sérgio - são “cidadãos do mundo”, como propusemos no título e na Introdução deste artigo? Para responder a ela, nada melhor do que retomarmos as esclarecedoras palavras de Lucas:

T26: Eu sou um imigrante. Até fiz um espetáculo com uma brasileira e um italiano que se chamava “Estrangeiro” aqui na França em 2002. [...] Mas não me considero assim um estrangeiro, me considero um **cidadão do mundo**, o que é diferente. [...] Somos **cidadãos do mundo** [que] nascemos por acaso em alguns países [...]. Então, eu sou um imigrante, mas eu não me sinto um imigrante. Eu me sinto **fazendo parte do mundo**. (grifos nossos).

Referências

- AMOSSY, R. Ethos. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (orgs.) *Dicionário de análise do discurso*. Trad. Fabiana Komesu et al. São Paulo: Contexto, 2004.
- AUTHIER-REVUZ, J. La non-coïncidence interlocutive et ses reflets méta-énonciatifs. In: BERRENDONER, A.; PARRET, H. (éds.). *L'interaction communicative*. Berne/Frankfurt/ N.Y./ Paris, 1990.
- BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I. A estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BANDELIER, P. *Paroles de migrants*. Paris: Hugo Doc, 2019.
- BARTRAM, D. et al. *Key concepts in migration*. London: Sage, 2014.
- BERNARD, P. *Immigration: le défi mondial*. Paris: Gallimard, 2002.
- BERNARDOT, M-J. *Étrangers, immigrés: (re)penser l'intégration*. Rennes: Presses de L'École des Hautes Études en Santé Publique, 2019.
- BERTAUX, D. *Le récit de vie*. Paris: Armand Colin, 2005.
- CALABRESE, L; VENIARD, M. (orgs.). Mots, discours et migration, une relation dialectique. In: _____. *Penser les mots, dire la migration*. Bruxelles/Paris: Academia/L'Harmattan, 2018.
- CASTRO, M. C. G. et al. Contexto migratório de retorno. In: PEIXOTO, J. et al. (orgs.). *Vagas atlânticas: migrações entre Brasil e Portugal no início do século XXI*. Lisboa: Mundos Sociais, 2015.
- CLOCHARD, O. Les réfugiés dans le monde entre protection et illégalité. *EchoGéo*, v. 2, pp. 1-8, sep./nov. 2007. Disponível em: <http://echogeo.revues.org/1696>. Acesso em: 30/09/19.
- DORNELAS, P.; NUNES, R. *Entrelugares de migrantes, refugiados e apátridas*. Belo Horizonte: Jornalismo na Fronteira, 2019.

LAACHER, S. *Ce qu'immigrer veut dire: idées reçues sur l'immigration*. Paris: Le Cavalier Bleue, 2012.

LARA, G. M. P. De “Ouvrons les portes” a “Em casa no Brasil”: olhares contemporâneos sobre a migração. *Revista Gláuks*, Viçosa, v. 19, n. 1, jan-jun 2019, pp. 79-100. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/issue/view/24/27>. Acesso em: 15/04/2020.

LARA, G. M. P. *Migrations contemporaines et récits de vie en France et au Brésil*. In: TAUZIN-CASTELLANOS, Isabelle (org.). *De l'émigration en Amérique Latine à la crise migratoire*. Bordeaux: Cairn éditions/Morlaàs, 2021a.

LARA, G. M. P. Vivendo à margem da lei: histórias de brasileiros em situação irregular no contexto europeu. *Relin* (Revista de Estudos da Linguagem), v. 29, n. 3, pp. 1943-1977, jul. set. 2021b.

MACHADO, I. L. *Narrativas de vida: saga familiar & sujeitos transclasses*. Coimbra: Grácio Editor, 2020.

MAINGUENEAU, D. *L'Analyse du discours: introduction aux lectures de l'archive*. Paris: Hachette, 1991.

MAINGUENEAU, D. Dêixis. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (orgs.) *Dicionário de análise do discurso*. Trad. Fabiana Komesu et al. São Paulo: Contexto, 2004.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília P. Souza-e-Silva. Curitiba: Criar, 2006.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. Trad. Luciana Salgado. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto. 2008.

MOREIRA, G. M. *Figures de migrants brésiliens en France: approche anthropologique et sociolinguistique*. Thèse (Doctorat en Linguistique) – Université Paul Valéry - Montpellier III, Montpellier, 2018.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 2001.

PEIXOTO, J. et al. (orgs.). *Vagas atlânticas: migrações entre Brasil e Portugal no início do século XXI*. Lisboa: Mundos Sociais, 2015.

SAYAD, A. *La double absence. Des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré*. Paris: Seuil, 1999.

Recebido em : 12/01/2021

Aceito em : 01/06/2021